

Revista de Literatura,  
História e Memória

Dossiê 90 anos da Semana de  
Arte Moderna no Brasil

ISSN 1809-5313

VOL. 8 - Nº 11 - 2012

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 56-72

## PAU-BRASIL: A VIAGEM MODERNISTA DE DESCOBERTA DO PAÍS

DIAS, Rosália de Almeida (CES/JF)<sup>1</sup>

RESUMO: Nas primeiras décadas do século XX, um novo cenário havia surgido em nosso país e eram muitas as novidades da modernidade. O *Manifesto da poesia pau-brasil* e o livro *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, são frutos desse novo contexto ao qual o homem moderno deveria se adaptar. Aproximando ideias aparentemente contraditórias, o projeto de Oswald propunha uma ruptura com os padrões estéticos vigentes e, ao mesmo tempo, fazia uma releitura da tradição cultural brasileira. *Pau-Brasil* é uma obra que revela o espírito crítico, revolucionário e transgressor da língua de um autor que influenciou não apenas seus contemporâneos, como também gerações posteriores. O presente artigo pretende analisar essa poesia modernista renovadora de *Pau-Brasil*, livro que é apresentado como uma viagem de descoberta do país. Aborda também a participação de Oswald de Andrade como organizador da histórica Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, evento que acabou projetando seu nome nacionalmente como importante figura da renovação modernista. É evidenciada a ligação desse autor com a vanguarda artística europeia, principalmente com o Futurismo italiano idealizado por Marinetti. É destacada a insatisfação com a forma de expressão literária vigente até o início do século XX, além das inovações do movimento modernista brasileiro e da recepção por parte da crítica conservadora.

PALAVRAS-CHAVE: Oswald de Andrade; Modernismo; *Pau-Brasil*.

ABSTRACT: In the first decades of the twentieth century, there emerged a new scenario in the country and many were the news of modernity. The *Manifesto da poesia pau-brasil* and the book *Pau-Brasil*, of Oswald de Andrade, are the fruits of this new context to which modern man must adapt. Approaching seemingly contradictory ideas, the project of Oswald sought a break with the prevailing aesthetic standards and at the same time, was a reinterpretation of Brazilian cultural tradition. *Pau-Brasil* it reveals the critical spirit, revolutionary and transgressor of language of an author who influenced not only his contemporaries but also generations to come. This paper analyzes the renewal of modernist poetry *Pau-Brasil*, a book that is presented as a journey of discovery of the country. It also discusses the involvement of Oswald de Andrade as an organizer of the historic Modern Art Week 1922, in Sao Paulo, an event that ended up designing his name nationally as an important figure of the modernist renewal. Is highlighted the connection of the

author with the European artistic vanguard, especially with the idealized Italian Futurism by Marinetti. It also discusses the dissatisfaction with form of literary expression to the early twentieth century, the innovations of the Brazilian modernist movement, the reception by the conservative critique.

KEYWORDS: Oswald de Andrade; Modernism; *Pau-Brasil*.

## I - OSWALD E O MODERNISMO

Para melhor compreendermos o livro de poemas *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade, faz-se necessário relembrarmos o contexto histórico, econômico e cultural no qual foi escrito. O que teria levado Oswald a escrevê-lo? Quais eram suas ideias, influências e objetivos?

Como cada obra pertence a seu tempo, esta contextualização fará com que percebamos a ideologia vigente na época e ajudará a entendermos o sentido da poesia oswaldiana. Perceberemos também porque esse autor, ainda hoje, é citado como exemplo de radicalidade na renovação da linguagem.

Oswald de Andrade (1890 – 1954) foi um dos nomes mais atuantes da primeira fase do Modernismo brasileiro e sua influência se fez presente nas gerações posteriores. Fez viagens à Europa e, em Paris, entrou em contato com as ideias difundidas pela vanguarda artística europeia, principalmente o Futurismo italiano idealizado por Marinetti. Ao retornar ao Brasil em 1912, após a primeira dessas viagens, participou ativamente das discussões que levariam à histórica Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

O Brasil, nos anos que antecederam à Semana de 22, parecia estar em ebulição, havendo um clima de inquietação e agitação em todos os setores. Um novo cenário havia sido composto com o crescimento das cidades, a primeira guerra mundial e uma série de inovações nos campos da ciência, tecnologia, filosofia e psicologia. Com o desenvolvimento da industrialização, um espírito novo surgira abalando o estilo agrário de vida do nosso país. Novas ideologias surgidas no campo social e no político contribuíram para a formação de uma atmosfera de ruptura nas sociedades ocidentais. O clima era favorável à difusão das ideias futuristas, pois havia na nova geração de escritores a certeza de que a forma de expressão literária praticada até então estava ultrapassada. O Parnasianismo parecia estar se desmanchando, mas o novo ainda era confuso, indefinido. Caberia aos poetas dessa geração buscar um novo rumo a seguir objetivando uma reconstrução literária nacional, pois o que era praticado aqui até então passou a ser visto como literatura falsa, postíça, alheia à

nossa realidade.

A princípio, havia no Brasil um conhecimento superficial a respeito da vanguarda artística europeia e a palavra Futurismo era empregada como sinônimo de inusitado, sendo aplicada a todas as produções diferentes dos modelos convencionais. A denominação futurista não era bem vista pelos críticos conservadores que muitas vezes a associavam a ideia de absurdo e loucura, levando-os a comentários irônicos e depreciativos. Como observa Silva (2006) em sua tese, Oswald soube usar esta opinião sobre o Futurismo como estratégia de propaganda, captando o que havia de explícito choque com o tipo de arte e literatura vigentes.

Os artistas e poetas que primeiro seguiram essa tendência foram alvo de comentários irônicos devido ao uso do verso livre e de formas que fugiam à norma parnasiana de usar a rima e a métrica, além do uso de vocabulário e temas diversos dos usados anteriormente. A Semana de Arte Moderna foi planejada com o objetivo de divulgar o que essa nova geração estava realizando e mostrar a ruptura que já havia ocorrido de fato, mas que precisava ser declarada como atitude daquele grupo modernista. A Semana acabou projetando nomes como o de Oswald e de Mário de Andrade como importantes figuras da renovação modernista e ponto de referência para seus contemporâneos e para gerações futuras. Contraditória e revolucionária, a Semana deu novo impulso e traçou novos rumos, integrando o país numa nova era de mudanças culturais, políticas, sociais e econômicas. A este respeito o crítico Antonio Candido afirma que:

O Modernismo não foi apenas um movimento literário, mas, como tinha sido o Romantismo, um movimento cultural e social de âmbito bastante largo, que promoveu a reavaliação da cultura brasileira, inclusive porque coincidiu com outros fatos importantes no terreno político e artístico, dando a impressão de que na altura do Centenário da Independência (1922) o Brasil efetuava uma revisão de si mesmo e abria novas perspectivas, depois das transformações mundiais da Guerra de 1914-1918, que aceleraram o processo de industrialização e abriram um breve período de prosperidade para o nosso principal produto de exportação, o café. (1999, p. 68).

O português que se escrevia no Brasil antes da Semana de Arte Moderna era uma cópia do utilizado em Portugal, sempre sob a vigilância atenta dos gramáticos tradicionais. Os intelectuais brasileiros da época passaram a se sentir sufocados por essa língua e acabaram se voltando contra essa forma que consideravam inadequada para expressar a nossa realidade.

Os modernistas buscavam uma língua livre, que permitisse uma aproximação maior com a fala brasileira coloquial das diferentes regiões do país e que propiciasse mostrar as diferenças provenientes da mistura de raças e de cultura do nosso país. Na poesia, valorizavam a abordagem de temas cotidianos com o uso de expressões simples e até mesmo tidas anteriormente como vulgares, visando se opor à falta de naturalidade dos termos solenes utilizados na poesia praticada no Brasil até então. Segundo Candido, a contribuição fundamental do Modernismo foi:

[...] a defesa da liberdade de criação e experimentação, começando por bater em brecha a estética acadêmica, encarnada sobretudo na poesia e na prosa oratória, mecanizadas nas formas endurecidas que serviam para petrificar a expressão a serviço das idéias mais convencionais. (1999, p. 70).

#### A PROPOSTA RENOVADORA DA POESIA PAU-BRASIL

Após a Semana de Arte de 22, o movimento modernista começa a se desvincular do Futurismo e a intensificar a discussão a respeito de questões relacionadas à identidade nacional. Destaca-se então a obra de Mário e Oswald de Andrade havendo, porém, outras lideranças e ideias divergentes.

O projeto de construção de uma cultura brasileira autônoma vinha sendo desenvolvido no Brasil desde a época do Romantismo. O que Oswald queria era aplicar novos aspectos artísticos às aspirações nacionais, a fim de colocar o país no caminho estético da nova era. Visava trazer a modernidade, já presente em outras esferas do país, também para a área cultural, até então presa à formalidade do passado.

Oswald de Andrade era caracterizado por seu espírito irreverente, polêmico, revolucionário, impiedoso na crítica e, de forma irônica, se voltava contra o “lado doutor” presente na linguagem tradicional brasileira. Autor do *Manifesto da poesia pau-brasil* (1924) e do *Manifesto antropófago* (1928), considerados demolidores em relação à literatura vigente, publicou os seguintes livros de poesia: *Pau-Brasil* (1925), *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927) e *Poesias reunidas* (1945).

Durante sua passagem pela capital francesa, conseguiu fazer bons contatos com os vanguardistas de Paris. Em 1923, numa conferência realizada na Sorbonne,

Oswald sistematizou, ainda que superficialmente, o programa poético que seria desenvolvido no Manifesto de 1924. Nesse mesmo ano, conheceu o poeta e romancista franco-suíço Blaise Cendrars, que se encontrava atraído pelo exotismo brasileiro, moda em Paris na época. Oswald então articulou uma viagem de Cendrars ao Brasil, julgando que a proximidade com este importante artista seria benéfica para o movimento modernista brasileiro. Em 1924, Cendrars chega a São Paulo como hóspede de Paulo Prado (um dos financiadores da Semana de Arte Moderna) e é levado pelos modernistas para conhecer o carnaval carioca. Na Semana Santa, juntamente com Mário de Andrade, Oswald e a pintora Tarsila do Amaral, parte para as cidades históricas de Minas Gerais a fim de descobrir o passado colonial representado pelo Barroco mineiro, viagem que ficou conhecida como “caravana modernista”. Luciano Trigo (2007), em seu artigo para a *Revista de História da Biblioteca Nacional*, afirma que “Cansado das vanguardas europeias, o poeta Blaise Cendrars despertou nos modernistas o interesse pela cultura do próprio país.” (p. 01).

Imediatamente após retornar de Minas Gerais, Oswald escreve o *Manifesto da poesia pau-brasil* e o publica no jornal paulista *Correio da Manhã*, onde trabalhava como jornalista. O encontro com o Barroco mineiro marca, simbolicamente, o despertar de uma consciência nacional que levaria à releitura da tradição cultural brasileira. “Com o ‘Manifesto da poesia pau-Brasil’ brota um projeto de modernidade em arte baseado nas incorporações da tradição e do novo, do popular e do culto”. (SILVA, 2006, p. 38).

Partindo do fato de que o pau-brasil era a árvore que, na época colonial, foi nosso primeiro produto de exportação, Oswald criou o que ele chamaria de nossa “poesia de exportação”, a poesia pau-brasil, produzida a partir da atualização obtida pelo contato com os países desenvolvidos. Seu projeto visava um afastamento em relação aos modelos poéticos importados do século passado e propunha uma poesia emancipada, livre da metrificação. O polêmico *Manifesto da poesia pau-brasil* tinha como ideias básicas o posicionamento contrário ao “lado doutor”, representado pelo eruditismo, e a favor de uma língua “natural e neológica”, onde seria aceita a “contribuição milionária de todos os erros”. A favor da síntese, contra a cópia, propunha a invenção e a surpresa. Defendia a utilização de uma temática brasileira, onde seria valorizado o que é nosso: o carnaval, a favela, a formação étnica rica e a riqueza vegetal, mineral, culinária e folclórica. Numa perspectiva nova, sentimental, irônica e ingênua, a poesia deveria existir sem fórmulas, ou seja, “ver com olhos livres”.

No Manifesto e no livro *Pau-Brasil* Oswald propõe uma literatura voltada para a realidade brasileira a partir de uma redescoberta do Brasil, como afirma Paulo Prado, no prefácio do livro:

Oswaldo de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy - umbigo do mundo - descobriu, deslumbrado, a sua própria terra. A volta à pátria confirmou, no encantamento das descobertas manuelinas, a revelação surpreendente de que o Brasil existia. Esse fato, de que alguns já desconfiavam, abriu seus olhos à visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e misterioso. Estava criada a poesia "pau-brasil". (1974, p. 67).

A respeito desse comentário de Prado, Silviano Santiago (1992) observa que o pensamento de que "você precisa deixar a pátria para depois, tendo se aprimorado intelectualmente em países desenvolvidos, redescobri-la nas suas contradições e misérias" (p. 166) se tornaria comum entre os intelectuais brasileiros. A convivência com os vanguardistas em Paris teria despertado em Oswald o interesse em "ver com olhos livres" a realidade de seu país. A viagem a Minas teria permitido ao poeta um novo conhecimento sobre sua pátria.

Para Paulo Prado, a vida moderna não se encaixava na rigidez do soneto, nem as clássicas palavras portuguesas seriam adequadas para expressá-la. "Para outros tempos, outros poetas e outros versos." (1974, p. 69). A poesia pau-brasil viria afirmar o nacionalismo que nos libertaria dos laços impostos desde o nascimento com o velho continente europeu decadente e esgotado. Representava uma nova língua brasileira, o nosso falar cotidiano.

Mário da Silva Brito, na obra *A literatura no Brasil*, faz o seguinte comentário a respeito de *Pau-Brasil*: "[...] é uma singular contribuição para a visualização do país como força autônoma. [...] inauguraria toda uma poética do pitoresco, toda uma poética baseada no namoro com o Brasil de coisas miúdas ou de grandiosidades estupefacentes" (2004, p. 27). Brito destaca que o poeta pesquisa aspectos da nossa cultura, tendências, costumes e usos, além de manusear os cronistas nacionais e estrangeiros. Ao abordar aspectos da colonização, os valores do passado, as contribuições da tradição, as pessoas e as paisagens da terra são poetados.

O livro de poesias *Pau-Brasil* foi lançado em Paris, assim como o texto tido como fundador do Romantismo brasileiro, *Suspiros poéticos e saudades* de Gonçalves Magalhães, também havia sido. Publicado em 1925, foi ilustrado por Tarsila do Amaral de forma a refletir o clima dos poemas. Na capa, a bandeira do Brasil apresentava ao invés do lema "Ordem e progresso", o título do livro. *Pau-Brasil* encontra-se dividido em seções, cada uma contendo um número variado de poemas com títulos próprios, totalizando mais de cento e trinta produções em verso livre. A dedicatória

“por ocasião da descoberta do Brasil” homenageava o poeta Blaise Cendrars.

Nesse livro, o autor põe em prática algumas propostas do Manifesto homônimo, publicado em 1924, e o próprio livro apresenta em suas primeiras páginas uma versão reduzida e alterada dele. Oswald possuía contatos com as artes plásticas e com o cinema conhecendo, portanto, técnicas de montagem como cortes, closes, *flashes*, fragmentação e visualidade. Em *Pau-Brasil* utilizou tais técnicas em textos alheios tendo como resultado uma poesia nova, objetiva, sintética.

*Pau-Brasil* relata de forma crítica uma viagem de descoberta do Brasil, descoberta essa bem diferente da realizada pelos portugueses. Em tal obra podemos observar uma realidade, que já há muitos anos era interpretada por uma determinada orientação ideológica, agora com novos olhos, dando-lhe um novo sentido. Sob uma nova visão, que integra aspectos da modernidade, a viagem pelo passado nacional acontece através de uma estética renovadora que, utilizando recursos poéticos vanguardistas, aproxima tradição e ruptura.

#### VIAJANDO ATRAVÉS DOS POEMAS DE *PAU-BRASIL*

Analisar os poemas de *Pau-Brasil* é fazer uma viagem pela história e pela geografia brasileiras, entretanto agora, de uma forma paródica, é o colonizado que descobre o Brasil, revelando aspectos antes ocultados intencionalmente pelo processo de colonização.

Na parte inicial do livro intitulada História do Brasil, Oswald resgata textos do passado e os reescreve de forma crítica, atualizando-os, dando-lhes um choque de modernidade, confrontando-os com a literatura vigente. Com uma linguagem irreverente, cheia de humor, sintética e utilizando-se de fragmentos, critica e satiriza o processo de colonização, dando um novo sentido à História do país.

Seguindo uma ordem cronológica, o autor tenta recuperar poeticamente os documentos escritos pelos primeiros colonizadores e visitantes. Parte-se da descoberta do Brasil, e são narrados os primeiros contatos com os nativos e o estranhamento ocorrido entre dois grupos tão diversos. Na sequência, é feita a descrição da adaptação à nova terra, a descoberta de suas riquezas chegando até o processo de Independência. Ocorre a versificação de fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha e de textos do cronista português Gândavo, do capuchinho francês Claude d'Abbeville, do bandeirante Fernão Dias Paes e de Frei Vicente do Salvador, dentre outros. Há em alguns desses poemas a preservação da linguagem arcaica e outros aparecem em

francês, satirizando o que era considerado culto, mas que já estava ultrapassado.

Maia (2010) observa que existe nessa parte do livro “diferença entre o autor que escreve e a voz que fala. Oswald não diz o poema, ele o escreve e faz com que outro falante o diga”. A responsabilidade do autor está no título que dá aos poemas e na sua disposição, fazendo uma edição de vozes enquanto estabelece a ordem em que os poemas aparecem, ou seja, o autor “fala ao editar outros falantes.” (MAIA, 2010, p. 970). Ocorre, portanto, uma escrita polifônica.

Numa intertextualidade com a Carta de Pero Vaz de Caminha, Oswald escreve o poema “A descoberta”. O texto de Caminha era:

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha — segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas — os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra!

Oswald resumiu o texto de Caminha, sem lhe alterar quase nada, apenas eliminando os excessos descritivos. Aí começa a ironia: o que em Caminha era excesso, em Oswald tornou-se essência. Praticava assim um dos lemas do *Manifesto*: contra o detalhe, a favor da síntese. Eis o poema de Oswald:

#### A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de longo

Até a oitava da Páscoa

Topamos aves

E houvemos vista de terra (ANDRADE, 1974, p. 80)

Na parte intitulada Poemas da Colonização, são registrados alguns momentos desse período onde podemos observar traços do patriarcalismo reinante na época. Ganha destaque, de forma crítica, a exploração e a violência sofridas pelo negro escravo, que eram abrandadas pela história oficial. Evidenciando que somos fruto de uma mistura racial, mostra também a contribuição cultural negra na construção da nação. Ocorre a valorização da linguagem coloquial e a incorporação de elementos da cultura popular brasileira como, por exemplo, o destaque dado à culi-

nária. São exploradas as crendices populares, como no poema a seguir:

#### LEVANTE

Contam que houve uma porção de enforcados  
E as caveiras espetadas nos postes  
Da fazenda desabitada  
Miavam de noite  
No vento do mato (ANDRADE, 1974, p. 94)

O próximo poema, carregado de humor, demonstra claramente a marca registrada de Oswald: o instinto crítico e irreverente.

#### RELICÁRIO

No baile da Corte  
Foi o Conde d'Eu quem disse  
Pra Dona Benvinda  
Que farinha de Suruí  
Pinga de Parati  
Fumo de Baependi  
É comê bebê pitá e caí (ANDRADE, 1974, p. 95)

Também chamado de poema-piada, não objetivava apenas o riso, mais sim refletir sobre alguma questão. Nesse poema, visava mostrar a incorporação da cultura popular pela classe dominante, como observa Leite (2004):

É importante ressaltar os elementos populares na cultura, farinha, pinga e fumo, bem como os próprios lugares interioranos, Suruí, Parati e Baependi, além da mudança e transcrição da realidade lingüística, comê, bebê, pitá e caí. Estes elementos são defendidos pelo "Conde d'Eu", o que cria a ironia e demonstra a superficialidade das relações eruditas, uma vez que historicamente aquilo que era considerado erudito já defendia o popular. (p. 06).

Os poemas do grupo seguinte recebem o nome de São Martinho (fazenda produtora de café da família de Paulo Prado, situada no interior de São Paulo). Nesses poemas, encontramos o mundo rural com sua aristocracia e a expansão da monocultura cafeeira pelo interior do país visto com olhos modernos. Podemos ob-

servar o Brasil das paisagens bucólicas do interior convivendo com os trilhos da estrada de ferro que levaria a produção cafeeira, o frigorífico, as usinas e demais elementos representantes do progresso. O poema a seguir é um exemplo desse fato:

#### PROSPERIDADE

O café é o ouro silencioso  
De que a geada orvalhada  
Arma torrefações ao sol  
Passarinhos assoviam de calor  
Eis-nos chegados à grande terra  
Dos cruzados agrícolas  
Que no tempo de Fernão Dias  
E da escravidão  
Plantaram fazendas como sementes  
E fizeram filhos nas senhoras e nas escravas  
Eis-nos diante dos campos atávicos  
cheios de galos e de reses  
Com porteiras e trilhos  
Usinas e igrejas  
Caçadas e frigoríficos  
Eleições tribunais e colônias (ANDRADE, 1974, p. 98)

Na parte intitulada RP 1, nota-se que períodos de história pessoal se misturam à história nacional, havendo predomínio do uso da primeira pessoa em poemas como “3 de maio”, que abre a seção. Encontramos poemas que parecem reconstituir uma viagem de trem entre São Paulo e Rio de Janeiro, ganhando destaque a vida nessas duas metrópoles e também em Aparecida e em cidades menores. Fala-se, dentre outros aspectos, sobre o comércio nessas cidades e sobre o convívio com o trem. Como observa Santini (2008) em seu artigo, o poeta pincela “um retrato em que diferentes tipos são colocados lado a lado na composição de um quadro em que é ressaltado não apenas o caos humano das cidades em expansão, mas também [...] a diversidade cultural reunida sob um único céu acolhedor.” (p. 110). A diversidade étnica presente nas cidades brasileiras pode ser observada no seguinte poema:

#### GUARARAPES

Japoneses  
Turcos

Miguéis

Os hotéis parecem roupas alugadas

Negros como num compêndio de história pátria

Mas que sujeito loiro (ANDRADE, 1974, p. 105)

O carnaval ganha destaque na seção seguinte e em “Secretário dos amantes” o autor ironiza o sentimentalismo romântico narrando, também de forma fragmentária, trechos de cartas que revelam a saudade de uma mulher que está no exterior, longe de seu amante.

VI

Que distância!

Não choro

porque meus olhos ficam feios. (ANDRADE, 1974, p. 117)

O próximo grupo de poemas é intitulado Postes da Light e aborda o cotidiano urbano moderno. Merece destaque o poema “Pronominais”, onde Oswald deixa bem claro que a gramática que comanda o professor e o aluno nos ambientes cultos não é capaz de comandar a fala do povo, que prefere deixar de lado a formalidade. Esses versos imortalizam a realidade de uma língua onde se fala de um jeito e escreve-se de outro.

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro (ANDRADE, 1974, p. 125)

Na parte inicial do livro, podemos encontrar outros poemas que abordam a linguagem do povo como, por exemplo, “Vício na fala” que foi extraído do texto de um português e mostra a questão do uso da língua entre portugueses e brasileiros. Num mesmo estilo são também os poemas “O capoeira” e “O gramático”. Fica evi-

dente a forma como o povo brasileiro usa a língua portuguesa, o que nos leva a um dos pontos defendidos pelo Manifesto “A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”.

### VÍCIO NA FALA

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados (ANDRADE, 1974, p. 89)

Na visão de Candido (2006), este tipo de literatura é mais autêntico, pois expõe elementos anteriormente recalcados por serem considerados fatores que demonstravam nossa inferioridade linguística e social perante os europeus. Na época do Romantismo os escritores resolviam esta questão através da idealização dos elementos formadores da nação brasileira, falando apenas do que nos orgulhava.

Silva (2006) observa que estilizar o erro gramatical era um ataque ideológico aos aspectos cultos da língua considerados artificiais e excludentes, entretanto “A contradição reside em encobrir, através do elogio, o analfabetismo, um traço tão pré-moderno.” Isto implicava num outro tipo de idealização, num nacionalismo que integrava como potência a fala e a cultura popular e “o analfabetismo adquiria um tom de exotismo, para francês ver, como se não fosse sinal de atraso e sim de ‘cor local’”. O nacionalismo, neste momento, não é problema *político*, mas *estético*.” (SILVA, 2006, p. 43).

Resultado da viagem de descoberta da caravana modernista, Roteiro das Minas registra as impressões sobre as cidades de Minas Gerais revelando sua riqueza histórica e cultural. É o passado colocado como forma de renovação e reinterpretação do presente, uma vez que a tradição do Barroco mineiro, esquecida nesse interior do país, surgia como algo novo para os modernistas. Recupera-se o folclore, as procissões e as festas comuns no interior mineiro. O artista mineiro Aleijadinho é destaque no poema a seguir.

### OCASO

No anfiteatro de montanhas

Os profetas do Aleijadinho

Monumentalizam a paisagem

As cúpulas brancas dos Passos

E os cocares revirados das palmeiras  
São degraus da arte do meu país  
Onde ninguém mais subiu  
Bíblia de pedra sabão  
Banhada de ouro das minas (ANDRADE, 1974, p. 140)

A parte final é intitulada Lóide Brasileiro, referência ao navio em que Oswald regressou ao Brasil após sua estadia na Europa. Esta seção é aberta com o “Canto de regresso à pátria”, uma paródia da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. O poema de Gonçalves Dias foi escrito em Portugal e fala das saudades de um Brasil perfeito, idealizado, bem no estilo do Romantismo, como pode ser observado a seguir:

#### CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá. (DIAS, 2001, p. 44)

Oswald volta seu instinto crítico contra o sentimento ufanista que, no passado, exaltava o país como sendo um paraíso. A crítica acontece, pois embora Oswald também se voltasse para as raízes nacionais, para a construção de uma identidade genuinamente brasileira, discordava da idealização romântica e pretendia mostrar um país mais real. Por isso, no poema a seguir, além de aludir às nossas riquezas minerais e ao progresso de São Paulo, também faz referência ao famoso quilombo dos Palmares, símbolo de luta, que remete à escravidão no Brasil chamando mais uma vez a atenção para a questão do negro na história do país.

#### CANTO DO REGRESSO À PÁTRIA

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá  
Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra  
Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo (ANDRADE, 1974, p. 144)

Esses poemas finais narram a partida de Lisboa, os primeiros sinais de Brasil e a chegada à costa brasileira. Oswald vai mostrando durante seu percurso a diversidade geográfica do país com poemas referentes a Fernando de Noronha, Recife, Bahia, Rio de Janeiro até chegar a Santos contrabandeando “uma saudade feliz de Paris”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oswald de Andrade soube assimilar as influências da vanguarda artística europeia no que concerne às técnicas de pesquisa e expressão artística e aplicá-las, de uma forma mais autêntica e crítica, na descoberta da nossa história, na releitura da tradição cultural brasileira sem, entretanto, se esquecer dos progressos da modernidade.

Haroldo de Campos (1974), escrevendo sobre a poesia oswaldiana em um ensaio introdutório à obra, afirma que se trata de uma poesia radical no que concerne a linguagem, pois antes havia um abismo aparentemente intransponível entre a linguagem erudita, escrita pelos intelectuais, e a linguagem desleixada falada pelo povo. A poesia pau-brasil representou “uma guinada de 180° nesse *status quo*.” (CAMPOS, 1974, p. 10).

O despojamento, a impressão inicial de ausência de lirismo e a rapidez da poesia oswaldiana foram algo muito novo e desconcertante para sua época. Entretanto, passado esse período de radicalidade e de exageros característicos da primeira fase modernista, o novo conceito de nacionalismo e de uso da linguagem surgido com *Pau-Brasil* influenciou de forma definitiva a poesia brasileira. Seu programa estético determinou a fisionomia da moderna literatura nacional promovendo a libertação da poesia dos artificios empregados anteriormente, tornando-a mais ágil, objetiva e sintética.

A temática e a linguagem foram se aproximando da nossa realidade e muitos autores passaram a aderir à simplicidade nos textos e a utilizar em suas obras uma linguagem mais próxima do coloquial. Segundo Campos (1974), foi da poesia pau-brasil que saiu “toda uma linha poética substantiva, de poesia contida, reduzida ao essencial do processo de signos, que passa por Drummond na década de 30, enforma a engenharia poética de João Cabral de Melo Neto e se projeta na atual poesia concreta.” (p. 15). Portanto, a influência que a obra oswaldiana exerceu sobre seus contemporâneos estendeu-se posteriormente, com a geração concretista dos anos 50, que valorizava a concisão do seu texto e também com os escritores da chamada poesia marginal dos anos 70 e 80 do século passado, que praticaram o poema-piada lançado por Oswald. Influenciou também a música popular do fim da década de 1960, pois suas ideias estão presentes em várias canções do Tropicalismo, que tinha vários pontos em comum com o poeta.

Prova da importância de Oswald como autor renovador no cenário literário nacional é a sua permanência na cultura brasileira do século XXI. Atualmente, foi homenageado na FLIP 2011 (Festa Literária Internacional de Paraty) onde houve um

debate que contou com a participação do crítico Antonio Candido que era seu amigo. Foi também destaque no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, com a exposição "Oswald de Andrade: o culpado de tudo" aberta em 27 de setembro de 2011 ficando em cartaz até 30 de janeiro de 2012. Nessa exposição o público teve a oportunidade de conhecer a obra do polêmico escritor, contribuindo dessa forma para que ele não seja esquecido.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Mestranda em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, O. *Poesias reunidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto da poesia pau-brasil*. [Porto Alegre]: UFRGS, 2007. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> >. Acesso em: 06 jan. 2012.
- BRITO, M. S. A revolução modernista. In: COUTINHO, A. (Dir.). *A literatura no Brasil*. Era Modernista. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. v. 5. p. 4-42.
- CAMINHA, P. V. *A carta*. [S.l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em:  
< <http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/port/acarta.htm> >. Acesso em: 07 jan. 2012.
- CAMPOS, H. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, O. *Poesias reunidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 9-58.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Iniciação à literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- DIAS, G. Canção do exílio. In: MACHADO, A. M. (Org.). *Cinco estrelas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LEITE, D. R. O popular na obra de Oswald de Andrade. In: ENCONTRO MEMORIAL DO ICHS, UFOP, 1., 2004, Ouro Preto. *Anais eletrônico...* Ouro Preto, 2004. Disponível em: < [http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/15\\_1.pdf](http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/15_1.pdf) >. Acesso em: 12 jan. 2012. —
- MAIA, R. D. Oswald, o projeto pau-brasil e o pensamento social. *Anais do SETA*, Unicamp, Campinas, v.4, p. 968-977, 2010.

PRADO, P. Poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, O. *Poesias reunidas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 67-71.

SANTIAGO, S. Oswald de Andrade ou elogio da tolerância racial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.35, p.165-176, jun. 1992.

SANTINI, J. A *poiesis* pictórica de Pau-Brasil: tradição, ruptura e identidade em Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. *Ícone*, UEG, São Luis de Montes Belos, v. 2, p. 105-122, jul. 2008.

SILVA, A. P. *Mário e Oswald*: uma história privada do Modernismo. 2006. 177 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TRIGO, L. Um moderno viajante nos trópicos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, [S.l.], n.1, p.01-05, jul. 2005. Disponível em:

< <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/um-moderno-viajante-nos-tropicos>>.  
Acesso em: 05 jan. 2012.